



A Primeira Assinação

Caros irmãos,

Nas relações das Províncias se encontra uma preocupação que vem acontecendo:

a sua dificuldade na assinação mais apropriada para os irmãos que começam o seu ministério.

Parece-me que nisto existem dois problemas de base. Primeiro, a estreiteza de vista e de planejamento em alguns Capítulos Provinciais, e por este motivo, um provincial se vê constrangido a preencher muitos vazios, com prejuízo grave para os jovens religiosos. Segundo, infelizmente existem nas províncias poucas comunidades capazes de garantir uma vida comunitária e um apostolado em consonância com a nossa legislação.

Planejamento

À medida em que algumas das nossas províncias decrescem numericamente, a possibilidade de continuar nos seus compromissos de apostolado torna-se progressivamente mais difícil. As províncias que se confrontaram com este problema e reestruturaram os próprios compromissos apostólicos encontram-se em melhores condições do que aquelas que não fazem este confronto. Adiar a necessária reorganização só leva a complicar os problemas que exigem se afrontados. Dois exemplos de reestruturação com êxito são as províncias do México e da Inglaterra.

Em Capítulos sucessivos fecharam algumas casas, o que lhes permitiu empregar o pessoal em outros setores e empreender outras atividades apostólicas. Tal organização nunca é fácil, mas dela depende o futuro das províncias e dos vicariatos.

As Constituições e os últimos Capítulos Gerais insistem todos sobre a necessidade do planejamento. É uma responsabilidade de todos, não somente dos superiores; deve-se fazer tanto nas nossas casas, como nas nossas províncias e nos vicariatos.

(cf. Walberberg, n.ºs 17c,201).

É fácil examinar os compromissos e constatar as necessidades de um modo abstrato, mas quando nos encontramos diante do fechamento de uma casa ou do abandono de um apostolado, frequentemente,

decidimos não fazê-lo. Isto pode acontecer, em pequeno, quando uma comunidade pensa em rever o próprio horário das missas. Não é raro que as preferências de cada religioso sejam antepostas às reais necessidades dos fiéis ou às exigências da liturgia, em referência à participação e à pregação.

O que Donald Micholl escreve sobre a anéleto da verdade, o conhecimento e o sofrimento em abandonar velhas fórmulas, imagens e símbolos, pode-se aplicar igualmente ao abandono de lugares que nos são caros:

Tenho me esforçado em vão, por muitos anos, para descobrir a característica da nossa busca da verdade, até que um dia me veio como uma iluminação... do comentário de S. Tomás de Aquino sobre as Bem-aventuranças.

“Bem-aventurados os que choram”. S. Tomás diz que esta é uma Bem-aventurança especial para aqueles que são chamados a alongar os confins do conhecimento. A afirmação de S.

Tomás é, para dizer pouco, curiosa, e nos convida a perguntar o que significa. A resposta que dá Tomás é que cada vez que a nossa mente deseja uma nova verdade se é tomado pelo sofrimento, enquanto todo o nosso ser tende a conservar os estados da inércia e de conforto que alcançamos para nós mesmos. Perdê-los é como perder uma parte de nós mesmos e a dor é um sintoma da nossa angústia e das suas consequências. De outro lado nós experimentamos uma espécie de perda... pois estes formulários, imagens e símbolos foram por anos parte de nós mesmos. Perdê-los é como perder uma parte de nós mesmos e nós choramos esta perda como se chora a perda de um membro”. (Sedos, Fevereiro de 1990).

Devemos saber morrer para viver. A poda do Evangelho se estende não só à nossa vida, mas também às casas nas quais vivemos e às atividades apostólicas. Em muitos lugares nós demonstramos um apego excessivo a edifícios que acabam sendo museus. Talvez o Estado nos presta um serviço quando nos tira alguns destes edifícios e os conserva abertos para o público que, deste modo, continua a participar da nossa herança material. Podemos nós conservar conventos como S. Marcos de Florença e de S. Domingos de Oaxaca tão bem como o faz o Estado? E se o fizéssemos a que serviria? Os jovens religiosos não podem ser assinados a comunidades que vivem em velhos edifícios em ruínas.

De outro lado algumas províncias se debatem com o problema de conservar fundações em lugares que não são mais centros urbanos, ou localizados em regiões já servidas adequadamente por outros. Se mantemos o nosso projeto de pregação preso a tais fundações somos fiéis a nossa vocação “de ser presença de Deus” no mundo de hoje? No espírito do Evangelho nós deveríamos ter a coragem de “nos lançar para alto mar” e nos conduzir para novos centros populacionais. A manutenção de algumas fundações pode se tornar o trampolim de lançamento para novos apostolados. Foi dito que “as condições de esperança e as condições de desesperança muitas vezes são as mesmas”.

Esta é sem dúvida a minha experiência. É a nossa atitude e a nossa resposta, ou a falta desta, que fazem as coisas serem como são. Unidos no Espírito, nos Capítulos e a nível de comunidades locais é preciso se programar para o futuro. Os ministérios tradicionais devem ser revistos e avaliados, e é necessário desenvolver novas formas de pregação.

Em particular, devemos prestar atenção ao número e à qualidade das nossas paróquias. O Capítulo de Ávila recomendava que todas as solicitações para nos fazer assumir a responsabilidade de uma paróquia deveriam ter presentes as necessidades de nossa vida religiosa e as exigências do nosso apostolado itinerante.

Recomenda também que as paróquias não sejam aceitas com excessiva facilidade e sejam levadas à revisão periódica nos Capítulos provinciais. Estes princípios devem ser aplicados a todas as paróquias em toda a nossa Ordem.

À análoga revisão devem ser submissas as Universidades, os Colégios, os Santuários e as capelarias de hospitais.

Vida Comunitária e Inserção dos Jovens Religiosos

A minha segunda preocupação é a primeira assinação dos jovens dominicanos no fim da sua formação institucional. Como disse acima, em muitas províncias são poucas as comunidades em condições de oferecer aos jovens religiosos um lugar onde estes possam viver a sua vida religiosa em consonância com o atual modo de entender a continuidade entre a formação inicial e experiência de vida comunitária da província.

Os jovens devem ser acolhidos como adultos e não como crianças. Não devemos considerá-los como simples substituição de nós mesmos. Eles tem a sua visão própria e as suas próprias esperanças. Como nós aprendemos cometendo erros, assim eles cometerão os seus e aprenderão. Lembro-me a frase de um velho sacerdote que dizia: “Os jovens sacerdotes são nossos filhos, eles devem aprender de nós, pois não estão devidamente preparados”. Eu lhe replicava: “Padre eles não são seus filhos. É gente adulta que vem a uma comunidade de adultos. Eles têm muito que aprender, mas também têm muito a dar e não deve existir relação de pai ou de avô para menino. É uma relação entre adultos que nos permite aprender um do outro”.

Penso que se deve prestar muita atenção ao lugar em que os jovens religiosos são colocados. Eles têm necessidade de uma assinação em que não só recebam um acolhimento caloroso, mas também onde possam se sentir em casa e encorajados no seu ministério. Dever-se-ia ouvir sempre a opinião dos responsáveis da formação.

Não nos esqueçamos, para muitos, a primeira assinação significa a passagem da estabilidade para a instabilidade. Um dos problemas ao qual vão de encontro parece o da solidão, a

sensação de ser deixados sozinhos, sem a ajuda de ninguém. Não podemos eliminar todo o sofrimento, a solidão, os insucessos dos primeiros anos de vida comunitária e de ministério; mas precisamos estar perto deles. Se for possível, façamos de modo que o novo irmão entre a fazer parte de uma equipe, ou pelo menos, possa trabalhar com um outro confrade. De início não lhes confiemos projetos individuais, ainda se eles vivem em uma comunidade. Não os levemos a tapar buracos em velhos projetos que perderam todo o seu significado. A equipe apostólica, a qualidade de vida na casa de assinação e o bom relacionamento com um ou mais membros da comunidade são os três pontos de um triângulo. Quanto mais fraco for um, tanto mais fortes devem ser os outros.

Deixo de considerar a mentalidade que assina os jovens religiosos para viver e trabalhar sós ou em comunidades em que não existe vida comunitária. Como poderão sobreviver? De outro lado me pergunto sobre a oportunidade de manda-los prosseguir os estudos após a formação inicial. Eles têm necessidade de um ano ou mais para adaptar-se ao ritmo do seu ministério. Quantos exemplos conheço de jovens religiosos que entraram em crise nos anos imediatamente sucessivos à ordenação! Não existe um sistema que possa prever como uma pessoa vai reagir em situações difíceis, mas sabemos de como pode ser válida a ajuda da vida comunitária. Em que momento um de nós deixa de ter necessidade de encorajamento e apoio no próprio trabalho? Alguém de nós esqueceu do que significa ser jovem? Esquecemo-nos das nossas primeiras tentativa de pregar, as nossas angústias, os insucessos, as esperanças e os nossos temores?

Devemos nos interrogar sobre a nossa atitude em relação aos jovens e ao seu mundo. Esforçarmo-nos em compreender os sentimentos dos jovens, que frequentemente têm experiências culturais e religiosas diversas das nossas? Somos capazes de entrar no seu mundo como pedimos que eles entrem no nosso? Muitos falam do “bom tempo passado”, mas não consideram as expectativas e as esperanças de hoje. O Capítulo de Ávila nos coloca em discussão quando diz:

“Se realmente quer ser aberto ao futuro é precisos responder a uma questão fundamental: aprender a ter real confiança nos jovens. Se fizermos isso seremos companheiros de caminho, capazes de paciência, de compreensão e de esperança, capazes ainda de acolher com alegria a novidade que os jovens nos trazem. De outro lado poderemos confiar a eles importantes responsabilidades de apostolado não só com pessoas de sua idade...mas também no interior de nossas comunidades cristãs. Nós então aprenderemos com eles como promover mais eficazmente a evangelização do mundo”. (cf. Cap. IV, n.º 67, 3).

Os Jovens Religiosos e as quatro prioridades

Outro aspecto da primeira assinação é o adequado emprego dos talentos dos jovens. Pensar que um jovem religioso possa fazer tudo ou quase tudo como a pessoa que o precedeu seria ingênuo. Uma comunidade pode fornecer o contexto de um ministério, mas é cada religioso que o anima, segundo a sua habilidade e os seus talentos. Reconheçamos aos outros não o privilégio, mas o direito de fazer as coisas de modo diferente; concedamos espaço para exprimir as próprias opiniões quando se trata de melhorar a pregação, os estudos, o ensino,

as relações humanas... Demos a eles espaço para que possam desenvolver a sua iniciativa, criatividade e habilidade organizativa; em uma palavra, criemos um ambiente que lhes permita crescer e ser eles mesmos.

Para nós, este desenvolvimento se realiza no âmbito das “quatro prioridades” que oferecem grande possibilidade de desenvolvimento dos talentos de um irmão. A este respeito cada província deve fazer o seguintes questionamentos:

realizamos alguma evangelização entre aqueles que não acreditam em Jesus?

Temos jovens comprometidos no trabalho intelectual necessário para a pregação e o ensino da cultura hoje? Há quem se identifique com os pobres e lute pela justiça e pela paz?

Há irmãos comprometidos nos meios de comunicação social?

Como Ordem, nós temos uma longa tradição de criatividade apostólica. Não é uma prerrogativa exclusiva dos jovens.

Estou sempre impressionado com a resposta criativa de um velho missionário alemão em Taiwan diante das rápidas mudanças sociais daquela nação. Precisamos pois encorajar a criatividade entre os jovens.

Por séculos, um dos modos em que os artistas representaram os Dominicanos foi colocar livros debaixo dos seus braços. Dois séculos antes da invenção da imprensa, a Ordem representou um papel importante fazendo dos livros um instrumento familiar de comunicação. Uma lista incompleta de autores dominicanos contém mais de 5000 nomes. Uma criatividade semelhante se deu nas missões. Em 1226, Honório III concedeu aos frades que trabalhavam no Marrocos a licença de adaptar o seu hábito ao da população local, para facilitar o seu trabalho. Em outro campo, Alberto e Tomás adaptaram e assimilaram o pensamento de Aristóteles, colocando-o ao serviço da Igreja. Na Livraria Vaticana existe uma cópia do famoso tratado moral do jogo do xadrez (*De Ludis Scacchorum*), procedente do século XV, de Jacobus de Cessolis, da nossa casa de Gênova. Na capa está desenhado um dominicano que, do púlpito, mostra um tabuleiro de xadrez: uma tentativa antecipada de “comunicação em massa”. Cada um de nós é portanto desafiado a escrever o seu próprio capítulo na história da Família Dominicana.

No púlpito, nas “Mass Media”, no desenvolvimento do pensamento cristão e no trabalho de evangelização a Ordem sempre demonstrou um alto grau de criatividade e de adaptabilidade; nós devemos ser assim. O grande perigo é o senso de deficiência e a preocupação pela nossa segurança pessoal.

Repito, os jovens religiosos devem ter a coragem de se comprometer em apostolados de

fronteira. Mas o apostolado de fronteira requer uma vida de comunidade e uma preocupação séria.

Sobretudo, Pregadores

Em primeiro lugar nós somos pregadores. Em muitas províncias a preparação à pregação durante os anos de formação é melhor do que no passado. Os jovens aprendem o seu método no interior de um grupo ou em uma comunidade que os encoraja à pregação. Sou de opinião que deve haver uma “experiência comunitária a nível de preparação das homílias e de partilha da fé. Continuo a recomendar às comunidades que se reunam para trocar reflexões pessoais, os respectivos pontos de vista e as próprias experiências, em preparação à próxima pregação. O ideal seria que participassem também os leigos, os religiosos e todos os comprometidos no ministério pastoral. Esta poderia ser a estrutura de formação permanente em relação à pregação.

São mais de mil os irmãos em formação, um número elevado em relação ao nosso contingente global. Pode-se então esperar que no próximo futuro o número dos jovens ainda aumente. O futuro pertence a eles.

Vosso, fraternalmente, no Santo Pai Domingos.

Frei Damian Byrne, OP

Mestre da Ordem

© Todos os direitos reservados — Citar fonte: Dominicanos no Brasil — <http://www.dominicanos.org.br>